

Resposta a um Jovem

1232 RUBEM BRAGA

ESCREVENDO na «Revista Capixaba», o sr. J. C. Monjardim Cavalcânti me acusa de injusto para com a Companhia Vale do Rio Doce e a Aracruz, que estão invertendo dinheiro no reflorestamento do Espírito Santo. A certa altura diz: «Nós não hesitaríamos em mandar matar, banindo do solo capixaba, todos os jacus verdes e todos os gaturamos, se esta ação propiciasse melhores padrões de vida e de subsistência para o nosso sofrido homem do interior. Portanto, é piegas a afirmação de que se estaria iniciando um combate à nossa fauna e à nossa flora. Está acontecendo justamente o contrário. Estamos plantando mais, zelando pelas nossas reservas florestais...»

Não sei o que o jovem articulista pensa que é uma reserva florestal. O que tenho dito aqui é que há uma negociação entre o governo do Estado do Espírito Santo e a Companhia Vale do Rio Doce para que seja entregue a esta a Reserva Florestal do Barra Sêca, hoje sob proteção federal. Que pretende fazer ali a Companhia? Isso não é segredo para ninguém: pretende transformar aquela floresta em madeira, principalmente em dormentes e em aglomerados para fabrico de celulose. Vai derrubar o jequitibá, a peroba do campo, o angico, o ipê amarelo e o preto, o Gonçalves-Alves, a sucupira preta, o araribá, o pau brasil, a emburana, a bráuna, o jacarandá e mais um sem-número de madeiras medicinais e palmeiras e milhares de espécies ainda não devidamente estudadas e no lugar disso plantar... eucalipto. Não sou tão piegas quanto o sr. Monjardim Cavalcânti supõe: o que choro no caso não é apenas a morte do jacu verde e a emigração do gaturamo. O que me dá vontade de chorar é ouvir chamar a isto de «reflorestamento». Isto é sacrificar todo um conjunto biológico fabuloso e único, de valor realmente incalculável, para depois plantar uma árvore exótica que dá rendimento rápido, mas torna impossível a vida da fauna e da flora silvestre.

Que se plante eucalipto nas zonas devastadas do Espírito Santo, que são muitas, vá lá. Se os «técnicos florestais» dessas companhias não têm um mínimo de imaginação e só sabem reflorestar como se refloresta na Suécia ou nos Estados Unidos, usando aqui as mesmas essências usadas lá; se eles não se deram ao trabalho de estudar sequer a possibilidade de replantar a peroba; se eles querem é fazer dinheiro depressa, copiando o que se faz lá fora (e que fazer lá fora é certo, porque lá aquelas espécies estão em equilíbrio biológico), paciência. Há muito o que reflorestar no Espírito Santo, e se essa gente só sabe plantar eucalipto e pinheiro, que plante. Mas que, a título de reflorestamento, se destruam as últimas amostras das florestas naturais do Espírito Santo, onde dezenas de milhares de espécies vegetais e animais estão preservadas por lei — isso mostra que um engenheiro, muito bom para construir estrada e extrair minério, pode ser mais primitivo e ignorante que um índio plantador de mandioca.

Existe um Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, e estou seguro de que ele se oporá terminantemente a esse crime contra o futuro, contra a humanidade, contra a ciência. Não é destruindo um fabuloso patrimônio natural (que ocupa uma área irrisória) que vamos salvar o homem; não é matando o jacu verde e o gaturamo que vamos dar de comer ao pobre capixaba. É estudando, é pesquisando, é experimentando, é aplicando a nossa inteligência ao estudo de nossa terra, para encontrar nossas soluções — e não destruindo, e não macaqueando — que poderemos fazer deste país um grande país. Não é por serem poetas nem piegas que os americanos do norte defendem contra a depredação dos particulares e a cobiça das grandes empresas industriais e comerciais suas enormes reservas florestais, uma delas mais de dez vezes superior em área a todas as reservas capixabas juntas. É apenas porque eles aprenderam a prezar a ciência, acreditam na ciência e só acreditam em progresso verdadeiro com base científica.